

A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação?

Doutoranda Renata de Souza Dias Mundt¹ (USP)

Resumo:

Esta comunicação tem por objetivo apresentar e colocar em discussão um panorama das diversas instâncias interferentes no processo de tradução de literatura infanto-juvenil (LIJ), que não se limitam ao tradutor. Cada uma dessas instâncias influencia o processo de tradução e recepção da obra a partir de sua visão da criança, da cultura de partida e também de seus interesses. Como decorrência disso, o papel do tradutor não se resume à tradução da obra em si, mas inclui uma ampla negociação acerca do conteúdo do próprio texto com editores, revisores etc., tanto mais quando se considera que o processo de tradução de LIJ é assimétrico: são adultos escrevendo e traduzindo para crianças. O reconhecimento dessas instâncias interferentes convida a uma discussão sobre a ética na tradução de LIJ, já que, muitas vezes, as obras têm manipulados e/ou adaptados, seu conteúdo e ilustrações, não por questões tradutológicas, mas em nome dos mais diversos interesses.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, tradução, literatura alemã, ética em tradução, adaptação.

Introdução

Meu trabalho como tradutora de literatura infanto-juvenil (LIJ) e a reflexão sobre essa atividade me levaram a rever alguns conceitos, entre eles o de adaptação em tradução. A distinção entre tradução e adaptação é controversa e tem sido discutida por vários autores¹. No Brasil, a prática editorial, contudo, já se antecipou ao desfecho desta discussão teórica: a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por exemplo, fundiu numa só categoria, em 2005, as premiações de tradução e adaptação, entendendo que não se pode estabelecer a priori fronteiras rígidas entre uma e outra.

Não é objetivo deste trabalho entrar no mérito dessa discussão. Aqui, o conceito de adaptação não é aquele adotado pelo mercado editorial, em que uma obra adaptada traz expressamente essa indicação em sua folha de rosto e, com isso, se exime de qualquer compromisso que se possa estabelecer com um conceito de tradução de uma obra original. Neste trabalho, o termo adaptação refere-se exclusivamente a um procedimento de tradução, que será detalhado a seguir, mas que se poderia, resumidamente, definir como aquele em que a opção pela literalidade na tradução cede lugar a uma interferência e a uma alteração mais profundas.

Em se tratando da tradução de LIJ, tais interferências não têm sua origem, contudo, exclusivamente em aspectos lingüísticos do par de línguas em questão, qualquer que seja ele. Como ocorre também com qualquer outra tradução, há, na tradução de LIJ, várias instâncias participantes desse processo e nele interferentes: leitores, críticos, editores, revisores, ilustradores, distribuidores, educadores, pais, professores etc.² Cada uma dessas instâncias, e não apenas o tradutor, realiza adaptações na obra de LIJ traduzida de acordo com seus interesses, sua visão da criança e da cultura de partida. Um tema-tabu, por exemplo, pode ser eliminado ou alterado dentro de uma obra. Jogos de palavras e brincadeiras com a língua também obrigam, frequentemente, o tradutor a realizar adaptações. Questões culturais costumam sofrer adaptações, seja porque as instâncias acima citadas consideram que o leitor não vai compreendê-las, seja porque elas diferem da visão que as mesmas têm da cultura de partida, ou porque as próprias instâncias não as compreenderam. Outro importante elemento da LIJ que costuma sofrer adaptações são as ilustrações, muitas vezes refeitas de forma a

¹ Cf., por exemplo, AMORIM (2006), BAKER (2005), BELL (1991), ECO (2007), HATIM e MASON (1997), NORD (1998), SCHREIBER (1998), entre outros.

² Cf., por exemplo, RIEKEN-GERWING (1995), REISS e VERMEER (1991), AZENHA (2005), entre outros.

refletir a visão que se tem da cultura de partida, reforçando clichês e preconceitos, além dos títulos, quase sempre alterados por questões de mercado.

O presente trabalho não pretende esgotar a discussão de tema tão polêmico e extenso, mas apenas apresentar alguns exemplos extraídos da prática incitando a reflexão crítica sobre o assunto.

1 Conceito de adaptação

A adaptação é um procedimento adotado por tradutores quando surgem alguns elementos do texto original que seriam “intraduzíveis” literalmente e precisam ser então “adaptados”. Schreiber (1998) define a adaptação como adequação à cultura de chegada com manutenção de equivalência situativa. Na enciclopédia de Mona Baker, o procedimento aparece definido como a seguir: “*adaptation is a procedure which can be used whenever the context referred to in the original text does not exist in the culture of the target text, thereby necessitating some form of recreation*”³ (BAKER, 2005, p. 6)

Alguns exemplos de elementos que podem exigir a adaptação por parte do tradutor são dados específicos de uma cultura (como nomes, títulos, comidas, costumes e hábitos, jogos, versos, mitologia e folclore, referências históricas e literárias). Além disso, podem exigir adaptação: título, aspectos estilísticos, ritmo, estilo e comprimento da frase, dialetos, socioletos e linguagem corrente, jogos de palavras. Algumas formas de adaptação possíveis são: quando se trata apenas de um termo ou expressão, a utilização do termo acrescentando uma explicação no próprio texto; a substituição do termo/ expressão por um conteúdo explicativo (tradução explicativa); a omissão do termo/expressão, o que pode ser problemático e obrigar à reformulação do conteúdo no qual ele está contido; a utilização de uma explicação externa ao texto; o uso de um termo equivalente; o uso de um termo semelhante; a simplificação, ou seja, o uso de um conceito mais geral no lugar de um específico; a localização ou domesticação, processo em que todo o conteúdo é aproximado do ambiente cultural do leitor da tradução⁴. Quanto a esse último método, ele implica em um conceito mais geral, que inclui a postura geral do tradutor e/ou de outras instâncias frente à tradução. Ele pode optar por domesticá-la ou estrangeirizá-la: “*when a reader is taken to the foreign text, the translation strategy in question is called foreignization, whereas when the text is accommodated to the reader, it is domesticated*”⁵ (PALOPSKI e OITTINEN *apud* COILLIE, 2006, p. 42)

Umberto Eco (2007), por sua vez, afirma logo na introdução ao seu livro (na verdade, já no título: *Quase a mesma coisa*), que praticamente não há tradução sem adaptação (no sentido aqui adotado):

Eis o sentido dos capítulos que se seguem: tentar compreender como, mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer *quase* a mesma coisa. A essa altura, o problema já não é tanto a idéia de *mesma* coisa, nem a da própria *coisa*, mas a idéia de *quase*. Quanto deve ser elástico esse *quase*? (...) Estabelecer a flexibilidade, a extensão do *quase* depende de alguns critérios que são negociados preliminarmente. Dizer quase a mesma coisa é um procedimento que se coloca, como veremos, sob o signo da *negociação*. (ECO, 2007, p. 10,11)

A definição dessa flexibilidade e da extensão do *quase*, resultado da negociação do tradutor consigo mesmo e com as instâncias participantes do processo tradutológico, dará o limite entre adaptação e manipulação. A adaptação tem variações, porém, seu princípio máximo é (ou deveria ser) a manutenção de um aspecto essencial do original: o seu conteúdo, o seu aspecto lúdico, infor-

³ Adaptação é um procedimento que pode ser usado sempre que o contexto ao qual o texto original se refere não existe na cultura do texto de chegada, necessitando, portanto, de alguma forma de recriação. (trad. minha)

⁴ Cf. SNELL-HORBY (1998), RIEKEN-GERWING (1995), O’SULLIVAN (2000)

⁵ Quando um leitor é levado para o texto estrangeiro, a estratégia tradutória em questão é chamada estrangeirização, ao passo que quando o texto é acomodado ao leitor, ele é domesticado. (trad. minha)

mativo, ancoragem em elementos conhecidos etc.⁶. Uma das tarefas de um tradutor de LIJ é decidir quando fazer adaptações em respeito e consideração pelas limitações impostas pela faixa etária de seu leitor sem deixar de ser fiel ao original. A fidelidade ao original é pressuposto imprescindível de qualquer tradução. Fidelidade, neste caso, poderia ser traduzida por “respeito” e não deve ser confundida com a “literaridade” (fidelidade à letra). (*apud* AUBERT, 1993)

A partir das definições acima, podemos delimitar mais facilmente o que seria “manipulação”, ou “adaptação manipuladora”: aquela que se “descola” do original, não é fiel a ele, mas sim determinada por interesses, preconceitos e, muitas vezes, desconhecimento das instâncias participantes do processo tradutológico.

2 Algumas características específicas da literatura infanto-juvenil e de sua tradução

Antes de iniciar uma conceituação teórica do que seja literatura infanto-juvenil, gostaria de salientar que, para a presente comunicação, por questões práticas, considero literatura infanto-juvenil aquela que foi escrita, publicada para e/ou lida por crianças e jovens. Como tratamos aqui da **tradução** de LIJ, ela só pode ser analisada e discutida com base em livros que já estão no mercado (mesmo que no estrangeiro) e já foram firmados como LIJ (mesmo que não tenham sido publicados como tal).

2.1 Público

Como já constatarem, citaram e definiram vários teóricos⁷, a primeira e mais básica diferença entre a literatura adulta e a infanto-juvenil é o público ao qual elas se dirigem. Assim, o produtor do texto (seja o autor ou o tradutor) deve conhecer as peculiaridades de seu leitor: seu nível de desenvolvimento cognitivo, sua bagagem cultural, suas características dentro de sua cultura e a visão que a própria cultura e sociedade nela inserida têm dessa criança (no caso do tradutor, é preciso conhecer a visão das duas culturas).

Devido ao caráter de seu público, pode-se dizer que a adaptação é mais freqüente na tradução de LIJ: o nível cognitivo e a bagagem de conhecimento do leitor muitas vezes obrigam o tradutor a realizar adaptações do texto original que não seriam necessárias na literatura adulta, pois freqüentemente um elemento de outra cultura não é conhecido nem compreendido pela criança. Frank comenta essa dificuldade: “*The affective and intellectual effort required to understand cultural difference is often beyond the capabilities of young readers, necessitating interventions that focus on making the narrative transparent.*” (FRANK, 2007, p. 20)⁸

A fim de realizar essas adaptações, quando necessário, e ainda manter o seu caráter lúdico, o tradutor de LIJ, muitas vezes, tem de usar de grande criatividade para, adaptando um aspecto do texto, conseguir ainda se manter fiel a outro. Por outro lado, freqüentemente os adultos participantes do processo tradutológico (e não apenas o tradutor) tendem a ver a criança como um ser mais “incapaz” do que realmente é, tomando a liberdade de realizar adaptações talvez desnecessárias que podem, mesmo involuntariamente, ser manipuladoras. Fernando de Azevedo comenta um “boom” de LIJ medíocre nos anos 1950 como o “surto de uma literatura banal, vulgar e insuportável, quer pela escassez de escritores de verdade que se dediquem a esse gênero, quer pela suposição ilusória de ser fácil escrever para crianças.” (AZEVEDO, 1988, p. 338). No livro de Rieken-Gerwing percebemos que essa postura não é exclusiva do mercado editorial brasileiro e ocorre também na Europa: “*Die niedrigere Bezahlung von KJL-Übersetzungen resultiert vermutlich aus der Auffassung*

⁶ Cf. RIEKEN-GERWING (1995), REISS e VERMEER (1991)

⁷ Cf. COELHO (1993), COLOMER (2003), LAJOLO (1987), entre outros.

⁸ O esforço afetivo e intelectual exigido para a compreensão da diferença cultural está além da capacidade dos jovens leitores, necessitando intervenções que têm como foco tornar a narrativa transparente. [trad. minha]

der Verlage, dass zwischen KJL und EWL nicht unbedingt Kongenialität vorliege und dass es einfacher sei, KJ-Bücher zu übersetzen.“ (RIEKEN-GERWING, 1995, p. 165)⁹

2.2 Assimetria

Pelo fato de seu público ser de faixa etária diferente de seus produtores, a tradução de LIJ é um processo assimétrico do qual participam diversas instâncias. Um **adulto** escreve um livro para **crianças/ jovens**, o qual é selecionado e editado por **adultos**, traduzido por um ou mais **adultos**, revisado por adultos e, por fim, comprado também por **adultos**¹⁰. São sempre adultos produzindo para crianças.

Essa assimetria do processo tradutológico tem conseqüências para o trabalho do tradutor, na medida em que ele tem de negociar com todas as instâncias participantes desse processo, cada qual com sua visão da criança, tentando sempre respeitar o princípio máximo de qualquer tradução que é o respeito ao original. Além disso, naturalmente, a tradução também inclui a imagem que o tradutor adulto tem da criança de sua cultura e da cultura de partida, pois esta vai influenciar várias de suas decisões tradutológicas.

Além da imagem que cada instância tem da criança, é preciso lembrar que a LIJ é publicada e traduzida apenas indiretamente para a criança: os adultos que compram e recomendam os livros para as crianças funcionam como um “filtro”, sendo que o que chega ao público final, em princípio, não são os livros escolhidos pelas crianças, mas aqueles que os adultos consideram bons para elas.

KJ-Bücher werden nur indirekt für Kinder und Jugendliche übersetzt. Vermittlergruppen wie Bibliothekare, Eltern, Lehrer, etc., üben indirekt oder direkt einen enormen Druck auf den Übersetzer hinsichtlich der Beachtung pädagogischer Prinzipien sowie Tabus aus, so dass er sich in einigen Fällen zu Adaptionen und Auslassungen gezwungen sieht. (RIEKEN-GERWING, 1995, p. 88)¹¹

Todos esses fatores, fazem com que editores e outras instâncias desse processo muitas vezes atentem mais aos desejos e visão de mundo das escolas e pais, do que aos das crianças, seu público propriamente dito. Realizando, cortes, mudanças, omissões e outros tipos de adaptações manipuladoras apenas para satisfazê-los, esquecendo a fidelidade ao original e conceitos de tradução. Veja-se o exemplo citado abaixo, no item sobre ilustração, da tradução do livro de Ricardo Azevedo, *Pobre Corinthiano Careca*.

2.3 Função

A função é um importante diferencial da LIJ. Como em toda literatura, sua função primordial é entreter, informar, provocar prazer estético. A LIJ tem ainda a função de “iniciar e socializar a criança leitora em uma cultura” (*apud* FRANK, 2007). A fim de cumprir todas as suas funções, a LIJ precisa, antes de mais nada, cativar o interesse do leitor infantil e, para tanto, deve ter sempre presente o elemento lúdico. Este, muitas vezes está calcado em fatores culturais já conhecidos da criança, pois para ela é mais fácil partir do conhecido para então chegar ao desconhecido (novas informações, o riso, a crítica etc.)¹² e, como já comentado acima, frequentemente dados culturais específicos precisam ser adaptados.

⁹ O pagamento de valores mais baixos por traduções de LIJ resulta provavelmente da opinião das editoras de que entre a LIJ e a LA não existe obrigatoriamente congenialidade e de que é mais fácil traduzir livros infanto-juvenis. (trad. minha)

¹⁰ Cf. RIEKEN-GERWING (1995), FRANK (2007), O’SULLIVAN (2000) entre outros.

¹¹ Livros de LIJ são traduzidos apenas indiretamente para crianças e jovens. Grupos de intermediários como bibliotecários, pais, professores etc. exercem direta ou indiretamente uma enorme pressão sobre o tradutor no que diz respeito à observação de princípios pedagógicos assim como de tabus, de forma que ele, em alguns casos, se vê obrigado a fazer adaptações e omissões. (trad. minha)

¹² Cf. PIAGET (1975)

O lúdico pode se dar também por meio de um jogo lingüístico, como um jogo de palavras, rimas, deslocamento de significados/ significantes. Um exemplo interessante e bastante ilustrativo é o da tradução feita por mim do livro de Paul Maar para o português: **Uma semana cheia de sábados** (2001, 2004). O autor “desconstrói” a linguagem em seu livro para que a criança possa entender os seus mecanismos de funcionamento. Esse é o caso, por exemplo, do fio condutor do livro: uma brincadeira com os dias da semana. Para que Ábado, personagem central do livro, apareça em um sábado, é preciso que haja uma série de coincidências no decorrer de uma semana. Estas referem-se aos nomes dos dias da semana, os quais, em alemão, podem ser “secionados” em partes significativas. Ábado só aparece em uma semana “especial”, na qual cada dia da semana transcorre de acordo com o que seu nome sugere. Paul Maar desmonta os substantivos referentes a cada dia da semana, criando um novo significado para cada um, explicando ao leitor que tais vocábulos são compostos por morfemas que têm significado próprio isoladamente. Ele não se reporta, em seu jogo, ao significado etimológico de cada parte componente dos nomes dos dias da semana, mas se põe no lugar da criança e alude ao significado “aparente” e imediato das palavras, que nem sempre coincide com o seu significado histórico. Por exemplo, *Sonntag* seria dia de sol, *Dienstag*, dia de trabalho, *Donnerstag*, dia de trovão e assim por diante. Como seria impossível se reproduzir este jogo em português, optei pela rima (com a anuência do autor), recurso recorrente e traço marcante da narrativa.

Original	Tradução literal	Tradução final
Jetzt, sagte sich Herr Taschenbier, konnte es kein Zufall mehr sein: Am Sonntag Sonne. Am Montag Herr Mon mit Mohnblumen. Am Dienstag Dienst. Am Mittwoch Mitte der Woche. Am Donnerstag Donner und am Freitag Frei! Deshalb saß Herr Taschenbier am Samstag erwartungsvoll in seinem Zimmer und fragte sich, was der Tag bringen würde. (MAAR, 1994, pg. 11)	Agora, disse seu Cereja para si mesmo, não podia mais ser coincidência: no domingo, sol. Na segunda, seu Mon com papoulas. Na terça, trabalho. Na quarta, meio da semana. Na quinta, trovão e na sexta, dia livre! Por isso, no sábado seu Cereja estava sentado ansioso em seu quarto e se perguntava o que aconteceria naquele dia.	Agora não podia mais ser coincidência: domingo estava um dia lindo, sem nem um pingo e ele encontrou seu cachimbo; segunda, seu Catunda vem lhe fazer uma visita e cai de bunda; na terça, foi tomar a fresca, teve dor de cabeça e pulou a cerca; na quarta, recebeu uma carta e encontrou uma lagarta; na quinta, ficou cheio de pintas que eram manchas de tinta; na sexta, foi picado por uma vespa e seu chefe estava com cara de besta! Por isso, seu estava sentado em seu quarto, no sábado, cheio de expectativas, tentando imaginar o que o aguardava naquele dia. (MAAR, 2004, pg. 9)

Outro exemplo, de um livro ainda não traduzido, mas que representaria um grande desafio ao tradutor, é *Chiquinho , quinta-feira* (IACocca, 2004), de Liliana Iacocca. A autora baseia toda a narrativa num jogo de palavras que exigiria grande criatividade de seu tradutor a fim de manter a intenção da autora. É interessante observar que o livro foi republicado em 2004, mas originalmente escrito em 1985, numa época em que sua autora trabalhava como jornalista especializada em criar enigmas, charadas, palavras-cruzadas e passatempos.

Sem me ater a todas as situações e trechos do livro que poderiam representar problemas em uma tradução, gostaria de citar um trecho bastante significativo para reflexão. Entre todas as metáforas e simbolismos presentes no livro, destaco o capítulo chamado “A mulher descarada”. Aqui, entra voando pela janela do quarto de Chiquinho uma mulher com uma panela cheia de sopa na mão, que fala sem parar:

Fiquei pensando: a mulher não tinha cara e, não tendo cara, não poderia ter boca e, se é da boca que saem as palavras, por onde saíam as palavras da mulher?
Fiquei tão encucado com isso que nem ouvia mais o que a mulher estava falando. E ela falava pelos cotovelos.
Era isso mesmo! Que incrível! A mulher falava pelos cotovelos!

A descoberta me deixou curioso e, como eu nunca tinha visto alguém falar pelos cotovelos, comecei a prestar atenção.

As palavras iam saindo dos dois cotovelos da mulher como se eles fossem os alto-falantes de um aparelho de som, e eu fiquei ouvindo muitas receitas de sopa.

Até que comecei a ficar enjoado, era sopa demais, e decidi acabar com aquela conversa. Perguntei de repente:

- Cadê a sua cara?

Acho que ela não escutou, pois continuou falando como se nada tivesse acontecido, contando sobre uma sopa que tinha inventado com restos de outras sopas.

Então gritei bem forte na frente da cara que ela não tinha:

- Cadê a sua cara! ?

- O que é que tem a minha cara? - perguntou ela.

Apoiou a panela em cima da cadeira da minha escrivadinha, levantou os braços, passou as duas mãos pelo rosto pelado e quase teve um ataque.

- Cadê a minha cara? Onde foi que deixei a minha cara? Ah! Eu sei, eu sei, foi a minha filha! Eu sei que foi ela quem pegou a minha cara, só para ficar parecida comigo. Ela sempre quis ter a cara que eu tenho.

Enquanto a mulher falava da filha, eu, de curioso, fui espiar e investigar a panela para ver a cara da sopa.

(...)

Foi incrível. Eu não fazia idéia de como era a cara da mulher antes de ela perder a cara na panela de sopa, mas achei que a nova cara era a cara dela. (IACOCCA: 2004, p. 57 ss.)

Todo o trecho aqui apresentado é baseado na interpretação literal de expressões convencionais e idiomáticas. Seria impossível traduzi-lo para qualquer outra língua sem realizar adaptações. Provavelmente, todo o conteúdo teria de ser mudado, a fim de se manter o jogo entre significado “literal” e “idiomático” das expressões, pois, caso contrário, seria perdido todo o caráter lúdico, “surreal” e crítico da narrativa. Gostaria de salientar ainda que as ilustrações do livro acompanham a narrativa, portanto a adaptação de seu conteúdo obrigaria também a adaptação/ refação das mesmas.

2.3 Ilustração

Um outro elemento bastante característico da LIJ é a ilustração. Ela não apenas “enfeita” a obra infantil, mas facilita a sua leitura e é parte integrante da obra. Algumas vezes a ilustração espelha o conteúdo do livro, outras, completa-o e complementa-o trazendo novas informações e novos níveis de leitura e interpretação ao leitor. Seu papel é essencial nesse tipo de literatura e, portanto, não pode ser ignorado pelo tradutor.

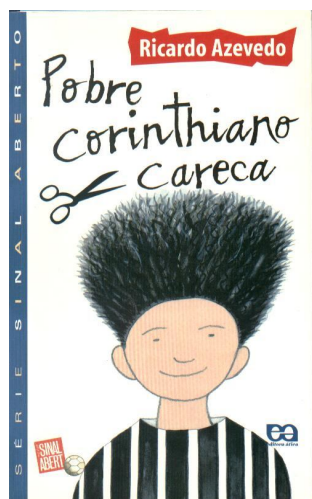
Algumas vezes, o tradutor precisa apenas atentar a ilustrações em que há inscrições na língua estrangeira, outras vezes, a alteração do conteúdo de uma obra pode entrar em conflito com a ilustração (vide comentário acima sobre o livro de IACOCCA). Há também o caso dos chamados “livros ilustrados” nos quais a ilustração tem “mais força” que o texto. Um exemplo interessante de tradução é o livro de Brigitte Minne e An Candaele, *Bons sonhos, Rosa* (2003), um típico livro ilustrado, traduzido do holandês e no qual a lua, personagem central, é um homem, pois em holandês essa palavra pode ser tanto masculina quanto feminina.



Como a ilustração é elemento essencial do livro, optou-se por mantê-la, o que obrigou a tradutora a transformar a lua em “senhor lua”, o que causou grande estranhamento entre o público leitor. Não pretendo aqui discutir se a decisão da editora foi acertada ou não, mas apenas chamar a atenção para a importância e as consequências que podem advir da adaptação ou não de um elemento da obra e de como ela é feita. A solução encontrada foi inserir uma explicação da tradutora na contracapa do livro:

NOTA DA TRADUTORA: A palavra Lua na língua holandesa (original do livro) pode ser considerada tanto do gênero masculino quanto do feminino. Nesta obra foi opção do ilustrador caracterizá-la como masculino. (MINNE e CANDAELE, 2003)

Há casos em que a alteração da ilustração pode acarretar mudanças em uma tradução ou em sua interpretação. Este é o caso do livro de AZEVEDO (1998), *Pobre Corinthiano Careca*, premiado pela APCA, e traduzido na Alemanha, AZEVEDO (2000). A editora alemã Elefant Press, por uma decisão do ilustrador Silvio Neuendorf e da editora Marion Schweizer, como ela mesma me informou por e-mail, transformou José Pedro, a personagem central do livro, num menino mulato. Todas as ilustrações do livro foram refeitas, todas as personagens “se tornaram mulatas”. Além disso, foram feitas também outras pequenas alterações e omissões no texto que corroboram a mesma visão clichê do Brasil transmitida pelas novas ilustrações. Tais interferências acarretaram uma interpretação bastante diferente do texto pelo leitor alemão. Este é um caso típico em que editores, ao invés de utilizarem o livro como transmissor de dados a respeito de uma nova cultura, interpretaram-no segundo a sua própria visão-clichê da cultura brasileira, apresentando-a ao seu leitor, sem respeitar a visão certamente mais rica e multifacetada do autor e ilustrador da obra original. Aqui, não há nenhuma justificativa “tradutológica” para essa alteração, mas apenas “manipuladora”. Seguem as ilustrações de capa do original e da tradução:



Conclusão

Devido ao perfil de seu público que torna o lúdico, as brincadeiras, os jogos e as referências a dados culturais quase sempre presentes na LIJ, o conceito de tradução para a criança e o jovem engloba necessariamente a adaptação. Além disso, esse mesmo público muda a relação das instâncias interferentes com a obra e acrescenta novas, inexistentes no caso da literatura publicada para adultos, por exemplo. Refiro-me aqui aos intermediadores como escola, pais, mentores etc., que levam a obra até a criança. Ou seja, raramente esse leitor escolhe o que vai ler. Sendo assim, o mercado editorial, ao publicar um livro para crianças, considera não só o seu público leitor, mas também o “público intermediador”.

Essas duas características, podem criar duas distorções no processo tradutológico com a mesma consequência: a manipulação de seu conteúdo. Por considerar a criança um ser menos “sabe-dor”, em fase de aprendizagem, muitos adultos consideram a literatura dirigida a ela “mais fácil” e “menos importante”, ou “de menor valor”. Isso leva a que sejam menos cuidadosos ao escrevê-la, ao traduzi-la, revisá-la, ao escolhê-la e mesmo ao escolher seus tradutores, por exemplo. Muitas vezes, a escolha de um excelente tradutor de literatura adulta não é a mais acertada para um livro infantil, pois ele não obrigatoriamente conhecerá as fases de desenvolvimento e o universo da criança a ponto de saber julgar, por exemplo, quando e como adaptar.

Da mesma forma, a assimetria do processo faz com que os adultos participantes do mesmo (quando partilham da visão acima mencionada) se sintam à vontade para interferir no texto traduzido, manipulando-o a fim de transmitir às crianças **sua** visão de mundo, ou eliminando conceitos que considerem tabu, com os quais não concordem, ou mesmo alterando-os em função dos seus compradores (pais, educadores, mentores etc.) e não de seus leitores.

Assim, a discussão e os exemplos aqui apresentados de adaptações necessárias, desnecessárias, não-adaptações e suas consequências pretende apenas lançar uma primeira semente para a reflexão sobre a ética na tradução de LIJ, que deve ser consequência do respeito pelo seu leitor – um ser em formação, mas nem por isso desprovido de perspicácia e capacidade de discernimento – e pelos seus tradutores que, a fim de realizar bem seu trabalho, têm de conhecer os fundamentos da tradução e o universo infantil. Esse tradutor certamente, ao negociar com todas as instâncias envolvidas no processo tradutológico, terá como base o respeito e a fidelidade ao original e ao público leitor, gerando uma obra final que realmente seja “quase a mesma coisa”, na acepção de Eco, que a original.

Referências Bibliográficas

- [1] AMORIM, L. M. **Tradução e adaptação**. Entre a Identidade e a Diferença, os Limites da Transgressão. São Paulo, Ed. UNESP, 2006.
- [2] AUBERT, F. H. **As (In)Fidelidades da Tradução: Servidões e Autonomia do Tradutor**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993
- [3] AZENHA Jr., J. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germânicos**. São Paulo, Humanitas, 2005, p. 367-392.
- [4] AZEVEDO, F. de. A formação e a conquista do público infantil. In LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1988, p. 334-341.
- [5] AZEVEDO, R. **Pedro träumt vom großen Spiel**. Trad. Nicolai von Schweder-Schreiner, ilustr. Silvio Neuendorf, 2ª ed., Elefanten Press, 2000
- [6] _____. **Pobre Corintiano Careca**. São Paulo, Ática, 1998
- [7] BAKER, M. (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/ New York, Routledge, 2005.
- [8] BELL, R. T. Translation and Translating. Theory and Practice. London/ New York, Longman, 1991.
- [9] CANDAELE, A. e MINNE, B. **Bons sonhos, Rosa**. Trad. Vania Maria Araújo de Lange, 3ª reimpres., São Paulo, Brinque-book, 2006
- [10] COELHO, N. N. A Tradução: Núcleo Geratriz da Literatura Infantil/Juvenil. **ILHA DO DESTERRO**, nº17, 1º sem. 1987, p. 21-32
- [11] _____. **Literatura Infantil – Teoria, análise, didática**. 6ª ed. revista, São Paulo, Ática, 1993.
- [12] COILLIE, J. V. e VERSCHUEREN, W. P. (ed.) **Children's Literature in Translation: challenges and strategies**. Manchester, St. Jerome, 2006.
- [13] COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni, São Paulo, Global, 2003.
- [14] ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Trad. Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Record, 2007.
- [15] IACocca, L. **Chiquinho quinta-feira**. Ilustr. Michele Iacocca, São Paulo, Edições SM, 2004.
- [16] LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1988.
- [17] MAAR, P. **Eine Woche voller Samstage**. Hamburg, Friedrich Oetinger, 2001.
- [18] MAAR, P. **Uma semana cheia de sábados**. Trad. Renata Dias Mundt, São Paulo, Ed. 34, 2004.
- [19] NORD, C. Ausrichtung an der zielkulturellen Situation. In: SNELL-HORNBY, M. et al. **Handbuch Translation**. Tübingen, Stauffenburg-Verlag, 1998, p. 144-146.
- [20] O'SULLIVAN, E. **Kinderliterarische Komparatistik**. Heidelberg, Winter, 2000.

- [21] OITTINEN, R. No Innocent Act: On the Ethics of translating for Children. In: COILLIE, J. V. e VERSCHUEREN, W. P. (ed.) **Children's Literature in Translation**. Challenges and Strategies. Manchester, St. Jerome Publishing, 2006, p. 35-45.
- [22] PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Imitação, jogo e sonho – imagem e representação. 2ª ed., trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- [23] REISS, K. e VERMEER, H. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. 2ª ed., Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1991.
- [24] RIEKEN-GERWING, I. **Gibt es eine Spezifik kinderliterarischen Übersetzens?** Frankfurt am Main, Berlim, Bern, Nova York, Paris, Wien, Peter Lang, 1995.
- [25] SCHREIBER, M. Übersetzungstypen und Übersetzungsverfahren. In: SNELL-HORNBY, M. et al. **Handbuch Translation**. Tübingen, Stauffenburg-Verlag, 1998, p. 151-154.
- [26] SNELL-HORNBY, M. et al. **Handbuch Translation**. Tübingen, Stauffenburg-Verlag, 1998.

¹ **Renata DIAS MUNDT, doutoranda**

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP, FFLCH)
Departamento de Letras Modernas
rmundt@usp.br